

ANTÓNIO SÉRGIO E A CULTURA EM PORTUGAL

Carlos Mota

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Quinta do Prado, Vila Real, 5000

(351) 259350701 | sautad@utad.pt

Resumo: A problemática cultural é claramente epistemológica e para António Sérgio fundamento das outras: qualquer problema, qualquer ação, qualquer pensamento começa e acaba no homem, entendido como ser pensante.

Palavras-chave: António Sérgio, Cultura, Filosofia.

Abstract: The cultural issue is clearly epistemological and António Sérgio foundation of other any problem, any action, any thought begins and ends in man, understood as a thinking being.

Keywords: António Sérgio, Culture, Philosophy.

A problemática cultural é claramente epistemológica e para António Sérgio fundamento das outras: qualquer problema, qualquer ação, qualquer pensamento começa e acaba no homem, entendido como ser pensante. A atitude que ele apresentar, demonstrará a sua especificidade cultural, definirá a sua capacidade adquirida, trabalhada, de responder aos desafios da natureza e da sociedade.¹

Sérgio entende o papel da cultura numa perspetiva técnico-funcionalista – donde infere que a atividade humana desempenha uma função social, mas a cultura como um todo exerce uma função de emancipação do homem e a cultura é ou deveria ser, racional e racionalizável, encaminhando-nos para um único modelo cultural, com variantes geográficas². A emancipação cultural começaria em cada um de nós.

A vida de Sérgio decorreu num tempo conturbado e longo (1883-1969), cruzando múltiplas ideias e acontecimentos, que tardaram a encontrar o seu estatuto. Sérgio temia as posições políticas influenciadas pelas correntes de pensamento que faziam sobressair os fatores irracionalistas do comportamento: o português - que ele sempre teve como objetivo atingir - era culturalmente pouco esclarecido, podia cair numa tendência sentimentalista, intuitiva, que por mais que correspondesse a uma tradição histórica não seria suficiente para fazer melhorar o padrão de vida em todas as suas dimensões. Pretende uma cultura sem saudosismo e sem heróis e nisso terá sido radical, considerando a razão como única condição de humanização – sendo que a razão é humana, as motivações humanas vão muito além do plano racional como o próprio percebeu. Defende como medida fundamental para Portugal, a reforma da mentalidade, tarefa fácil de propor, mas de difícil realização, como já se verificou em muitos países e diversas situações histórico-geográficas. Sérgio estaria consciente de tal dificuldade, mas julgaria que mais cedo ou mais tarde, se começariam a ver os resultados do labor constante. Era preciso trabalhar em todos os sentidos e com igual profundidade. Sérgio foi um lutador, repetindo várias vezes, qual a missão que sentia ser a sua: uma missão de

¹ Sérgio, António, "Cultura", Síntese, Coimbra, ano I, nº 1, 1939, p. 31.

² O funcionalismo de Malinowski, Bronislaw e de Radcliffe-Brown, assenta em dois postulados: a unidade da cultura, entendida como uma totalidade e a relação necessidade / função, no que respeita a elementos culturais ou instituições. Para Malinowski, a cultura é inerente à sociedade. Não há sociedade sem cultura.

apostolado cultural, de filósofo preocupado com a libertação do homem. Diz: “o meu homem universal, (...) é o indivíduo simpatizante, multilateral, permeável, aberto a todos os aspetos de atividade mental do seu próximo: ciência, arte, religião, política, técnica, economia, literatura, etc.”³.

Sérgio quer abrir os espíritos, formar «autónomos», fazer cultura, porque o homem culto, para ele, não é apenas aquele que está cheio de conhecimentos; é o que, para além disso os utiliza, constantemente, de forma crítica. Para ele a maioria dos nossos letrados, atraçou a sua verdadeira tarefa, de pensadores autónomos, criadores e defensores de ideias humanistas para se tornarem instrumentos do poder político e por isso António Sérgio não se quer deixar manobrar e não se põe ao serviço de uma classe, ou partido, mas procura defender e perpetuar os valores e os ideais mais puros da Humanidade. A primeira reforma a fazer, é a reforma cultural, porque a atividade cultural é a que nos torna mais homens, mais conscientes da nossa dignidade e humanidade; a cultura consegue-se por um esforço racional interior, pela procura do pensamento crítico, antidogmático. Caminhar para a cultura é realizar uma ascese, cortar com todos os elos do sensível – Sérgio utiliza uma linguagem semelhante à Platónica⁴. O homem culto é aquele que se interroga e reflete procurando o universal: “A cultura genuína – trabalho do espírito sobre si próprio – não deverá confundir-se com a simples difusão do saber, com a simples receção de informações científicas”⁵. Devemos praticar a «dúvida metódica», fomentando a crítica, a reflexão, a ligação de ideias, porque “há quem saiba muito e não seja culto; há quem saiba pouco e o seja muito.”⁶

O homem culto luta para que o dogmatismo não se instaure definitivamente. Segundo Sérgio, o cientismo apoderou-se da razão dos homens, não os deixando ver para além da sua vivência acomodada, embora afirme a importância do desenvolvimento científico “ (...) desde que consideremos esta mesma ciência, não nos enunciados e conclusões externas, mas na ascética íntima do que a está criando quando ela se cria por amor do Espírito, na transparência e plenitude do viver mental” que leva à “prática consciente do

³ Sérgio, António, "Notas de esclarecimento", Ensaio Tomo I, p. 197.

⁴ Sérgio, António, Tentativa de interpretação da História de Portugal, Edições Tempo, Lisboa, s/d, p. 18.

⁵ Idem, cit. na nota anterior.

⁶ Sérgio, António, "Cultura", Síntese, Coimbra, ano I, nº1, 1939, p. 30.

viver social, a cultura metódica da urbanidade, o trabalho cooperativo para o bem comum, a abolição de classes na sociedade escolar, o comentário assíduo dos escritores “moralistas” (a subida ao nível da espiritualização autêntica), o exame dos processos mais conducentes a lidarmos bem com o nosso próximo, a dar formosura e finura à vida, a aumentar a liberdade e a tolerância mútua, a diminuir os atritos nas relações sociais.”⁷

A finalidade da luta de Sérgio é a criação de condições para que todo o homem possa ser culto – “homem culto, absolutamente falando, significará um indivíduo de juízo crítico, afinado, objetivo, universalista, liberto das limitações de nacionalidade e de classe, que sabe apreciar as boas obras do espírito e distinguir as excelentes das que o não são, (...)”

É nesta linha de pensamento que em 1946, na revista *Vértice* escreve: “ (...) e somos filósofos na proporção exata em que nos libertamos dos limites que nos inculcam a raça, a nacionalidade, o sítio, o instante, o culto, o temperamento, a classe, o sexo, a moda, a profissão.”⁸

O conceito de cultura, deste modo, tem algo de místico, pois afirma: “A santidade é uma ascese, e a cultura também”⁹.

É importante interpretar em que sentidos António Sérgio utiliza o conceito de cultura pois considera duas aceções diferentes, que apresenta no texto “Miudezas de música, de poesia, de cultura e de cinema”¹⁰; considera aí uma aceção folclórica (etnográfica, ou sociológica), que designa os estilos de vida de um dado povo, os seus padrões culturais, e uma aceção espiritual (universal, absoluta ou filosófica) que corresponde ao “processo dinâmico de afinar o intelecto e a sensibilidade, de apurar o senso crítico, de intensificar a faculdade de bem ajuizar sobre as obras de arte, de literatura, de ciência, de requintar a urbanidade para com o nosso próximo”¹¹.

Estabelecido isto, diz António Sérgio:

I) Na aceção folclórica, podemos falar de cultura portuguesa. Na aceção espiritual, de cultura em Portugal;

⁷ Sérgio, António, "Divagações Pedagógicas ", Ensaios, Tomo II, p. 185.

⁸ Sérgio, António, "Resposta a um inquérito" *Vértice*, nº30-35 Maio de 1946, p. 172.

⁹ Sérgio, António, "Cultura", *Síntese*, Coimbra, ano I, nº1, 1939, p. 31.

¹⁰ Ensaios, Tomo VII, pp. 111-113.

¹¹ Ensaios, Tomo VII, p. 111.

- II) A caracterização da cultura portuguesa, na sua aceção folclórica, não é de fácil concretização e afirmar que uma dada característica é «portuguesa» implicaria o conhecimento de todas as outras culturas – o que é na prática, impossível;
- III) As criações da cultura no sentido espiritual são universais e intemporais;
- IV) Será que existe uma maneira de ser, tipicamente portuguesa? Sérgio responde: “Duvido da realidade de uma maneira de ser portuguesa, unitária e indiscutível.”¹² Faz a distinção entre cultura e civilização, considerando esta como o “conjunto dos processos do viver comum, as instituições, a legislação, a técnica e os vários instrumentos do viver económico.”¹³ Para ele a verdadeira Cultura confunde-se com Democracia, que por outro lado, se confunde com Educação do povo: Democracia é «Demopédia» e esta é «educação do povo»; por isso não se cansou de criticar os que discursam de forma confusa e difícil de entender: “Sempre que um típico intelectual lusitano tem por mira instruir-nos sobre determinado assunto – embrenha-nos na selva de uma introdução genérica – histórico-genético-filosófico-preparatória, cheia de cipoais onde se nos enreda o espírito e de onde nunca se avista a estrada reta e livre”.

Sérgio procurou o contrário do que se refere acima: escrever de forma clara e objetiva, não palavrosa, em resumo, pensar e fazer pensar de forma nítida. Vários estudiosos do pensamento português contemporâneo que analisaram o racionalismo, o humanismo, e, de uma forma geral, o contexto cultural português do século XX, consideraram Sérgio um homem exemplar de integridade, de autonomia, profundamente empenhado nos problemas fundamentais da Nação portuguesa e do seu povo.

A sua obra é tão variada, que qualquer que seja a perspetiva de análise encontramos elementos de aproximação ou abordagem de tipo Histórica, Política, Pedagógica, Filosófica, ou, de forma mais lata, Cultural. Na sua obra, encontramos os diversos tipos de atividade teórica e prática interagindo e inseridos no que pensamos que o autor quis que fosse uma «Totalidade Universalizante» na qual o Homem surge como a primeira e última preocupação; os seus escritos, mesmo os de crítica (muitas vezes áspera) a individualidades intelectuais, implícita ou explicitamente tratam do Homem, daquilo que dele se pode considerar essencial: a sua dignidade inerente à sua humanidade.

¹² Citado nas notas anteriores, p. 111.

¹³ Sérgio, António, "Considerações sobre o problema da Cultura", Ensaios, Tomo III, p. 32.

Quando escreveu sobre homens específicos, como Antero de Quental, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Luís de Camões, foi para sublinhar a sua condição de homens, que procuraram a elevação do espírito, embora com todos os seus defeitos de homens. Não quis, por isso, criar mitos.

É o Homem, a Sociedade e a Cultura [recorrendo a estudos de carácter plurifacetado – Histórico / Geográfico / Psico-Sociológicos] a tarefa mais importante que percorre o seu trabalho, sendo o projeto social e político inerente a esse trabalho, porque antes de mais o Homem é encarado como um ser social e deste modo, a Sociedade é o seu enquadramento natural, que o reprime e limita, mas por outro lado lhe possibilita as hipóteses de uma total realização, porque ser um homem completamente só é não ser totalmente homem. A sua definição plena passa pela coexistência com os outros homens. O destino de Robinson (só, numa ilha), não é um destino humano, diz G. Eisermann que Sérgio cita. O homem vive para si, para os outros e vice-versa. Todos os seus atos, mesmo os biológicos, têm significado social, não se podendo esquecer que o Homem é sempre um ser Biológico, Social e Cultural. É por isso que para Sérgio os conceitos chave são: homem, sociedade, cultura, ou Pedagogia, Cultura e Democracia.

Esses conceitos e repercussões são as bases para a leitura de Sérgio e tudo o resto, na sua obra, são vias diferentes que acabam por nos reconduzir aos aspetos fundamentais do seu pensamento. Por isso, essa obra, não sendo um «Sistema» é profundamente coerente, e, como notaram Daniel Hameline e António Nóvoa, é uma obra «constante», ou se preferirmos «repetitiva». Mas isso deve-se aos aspetos que rodearam a vida do autor, que tentou semear uma obra de combate, no plano político, e não só a nível teórico; é preciso notar que a sua ação intelectual é fundamentalmente de intervenção: é a voz de um cidadão que se não conforma com o que considera errado e se passa à sua volta e por isso, a sua trajetória teórico-prática não foi só a de Filósofo mas essencialmente a de 'Educador de Gerações', porque é através da Educação que ele pensa alcançar os homens – incluindo os homens comuns – e não só os que estudam; Sérgio pretende sempre voltar-se para os problemas concretos vividos pelos portugueses.

“(…) Como é bela a vida

E a mente clara que se arroja à lida,
E à ação, e à ideia, vai chamando os povos
(...).”

O seu discurso não pode ser abstrato, mas antes uma reflexão crítica de problemas reais. Há nele dois objetivos: por um lado, a tomada de consciência por parte dos homens dos problemas e da sua possível solução, e por outro, treinar o espírito humano na participação e no espírito crítico e atuante, tendo para tal procurado demonstrar sempre otimismo e confiança nas capacidades do homem, embora haja quem afirme que já idoso, terá desanimado; mas, durante a maior parte da sua existência, recusou o pessimismo do existencialismo [que para Sartre, condena o Homem à sua própria Liberdade, tolhendo-lhe os movimentos], e muito lutou como e escreveu acerca da sua convicção na ascensão espiritual do Homem. A Cultura é o exemplo concreto da capacidade humana de ultrapassar os seus próprios limites, produto ela mesma da dialética Homem-Sociedade-Natureza, surgindo como efeito desta interação-construção. Deste modo, para A. Sérgio, a Cultura que nos diz respeito, a Ocidental, retrata mais do que qualquer outra a incongruência humana, pois a par da defesa dos mais altos valores e ideais, encontramos situações desumanizantes: a Cultura, como Sérgio a entende devia ter uma diretriz essencialmente moral.

Note-se [de novo] que Sérgio viveu numa época muito conturbada na qual se destaca o triunfo (embora não definitivo – felizmente – do Nazismo, no «País da Cultura», a Alemanha). É mediante uma espécie de ascese interior que Sérgio propõe, que o homem pode encontrar-se a si mesmo como ser cósmico, como parcela do Universo, pois o homem, é 'fracionado', mas é possuidor de razão, o que lhe permite alcançar a Unidade, a Totalidade.

A sua vida e escrita teve eco noutros seres humanos, fazendo-os pensar. Nos seus parâmetros gerais, como Pedagogo, (em termos mundiais) não é inovador; mas a reflexão honesta, a crítica racional, as soluções objetivas, são aspetos que definem Sérgio.

É um dos herdeiros da chamada Geração de 70, sendo evidente a influência que Antero de Quental exerceu sobre Sérgio, como homem e pensador.

Não foi o pensamento de Antero que agradou a Sérgio, mas o Projeto que esteve na base da reunião de um conjunto de homens que, no Século XIX, tentou fazer progredir Portugal.

Esses homens não conseguiram sair do domínio meramente teórico enquanto António Sérgio surge como descendente direto deles mas se deles herdou, no plano teórico o reformismo social e a tentativa de racionalização da realidade portuguesa, como afirma numa carta a Raul Proença, [...] a “obra é semelhante no objetivo, às Conferências Literárias do Casino (...)” parece evidente, pela sua vida de resistente, que foi muito para além, inclusive no plano das ideias, que esses seus «mentores»; excedeu os seus mestres, ao privilegiar as reformas concretas e os meios para a sua realização, evitando cair num pessimismo intelectual. Juntou à sua volta, uma elite de homens pertencendo a diversas fações e com opiniões políticas diferentes, mas com o traço de união política marcado pela oposição ao regime saído do 28 de Maio de 1926, que levaria ao poder Salazar.

A sua filiação intelectual¹⁴ recua no tempo, pois num artigo escrito em 1938, intitulado *Genealogia intelectual*, diz-se influenciado por Platão, Espinosa e Kant, porque encontrou neles as intuições essenciais que melhor satisfaziam o seu espírito. Diz que Platão o influenciou com a sua dialética e lógica inspirada na relação matemática. Em Espinosa, entusiasmou-o a sua conceção dos objetos na unidade do Todo [Panteísmo] considerando a coerência interna como critério de verdade. De Kant, assimilou a ideia da iniciativa da inteligência no conhecimento, a inteligência como elemento constituinte do objeto. Quanto a ser cartesiano, considera essa expressão pouco precisa, pois para Sérgio “todos os modernos racionalistas são um pouco discípulos de Descartes”. Contudo, Sérgio admite que foi a Geometria Analítica que o despertou e que foi através dela, que Descartes o impressionou. (Há que notar, porém, que Sérgio sempre dedicou particular atenção ao conjunto da obra de Descartes). A nível político recusou a mudança de “ismo” em “ismo”. O mesmo não aconteceu com as novidades científicas, pois contactou de perto com personalidades como Paul Langevin e considerava o raciocínio científico o exemplo mais perfeito da

¹⁴ Diz-se influenciado por Platão, Espinosa e Kant, no artigo "Genealogia Intelectual", Seara Nova, nº 580, 1938.

racionalidade humana. António Sérgio foi um intelectual do século XX, mas um intelectual português que nunca se eximiu às suas responsabilidades cívicas e éticas, procurando sempre a melhor via, a melhor solução; enquadrado pela circunstância de ser português. Seria hoje bem mais conhecido, por certo, se tivesse nascido num país mais influente. Desta forma, muitas vezes terá sido incompreendido. Para ele, "(...) razão e cultura, autorrealização pessoal e reforma da sociedade, moral e democracia conjugam-se assim, na sistematização, numa unidade formal"¹⁵.

A reflexão sergiana nunca visou a constituição de um sistema filosófico e é verdade o que disse quando afirmou: "repare que uma das ideias fundamentais, de consequências práticas, que está sempre presente em tudo o que escrevo, é a de que não há coisas separadas, a de que não existem na realidade compartimentos estanques, a de que compreender uma coisa é relacioná-la com o todo"¹⁶.

É evidente para ele que o real é uno e as suas diversas manifestações estão ligadas. A abordagem da sua obra será sempre complexa, pois parece a mais apropriada ao conjunto de escritos de um autor que se debruça quase em simultâneo sobre temas aparentemente tão diversos como Política, Economia, Educação e Cultura, interligados por uma teia de relações que lhes retira as características de partes. Por isso, estudar e analisar a sua obra torna-se complicado e trabalhoso ao tentar evitar a leitura e reflexão sobre pedaços da sua escrita, o que levaria o leitor a erros de interpretação, devido em parte à sua originalidade de pensamento. Sérgio, durante o seu longo período de labor intelectual, reiterou explicações e respondeu a críticas que muitas vezes se prolongavam em polémicas¹⁷.

Entendeu sempre ser original no pensamento português [já de si escasso] e lutou para não ser considerado uma espécie de representante de qualquer corrente de pensamento no seu país, o que terá conseguido, pois não é, nem foi possível colocar-lhe um «rótulo», algo ainda hoje muito praticado. Muitas vezes foi apontado como marxista e materialista; de facto, disse ser o introdutor em

¹⁵ Branco, J. Oliveira, *O Humanismo Crítico de António Sérgio*, cit., p. 85.

¹⁶ "A Recapitulação", *O Diabo*, nº 306, 17/8/1940.

¹⁷ Veja-se o seu artigo "Mais uma facada e, por consequência, mais um feliz pretexto para me explicar", *Seara Nova*, nº300, 26/5/1932.

Portugal do materialismo dialético, (o que até é discutível, tendo em conta, sobretudo alguns textos de Faria de Vasconcelos) mas a sua preocupação e constante luta para que o sistema económico vigente em Portugal sofresse grandes alterações estruturais, não proveio da perspectiva materialista¹⁸. Acima de tudo, afirma-se um idealista, que considera a razão farol de todo o verdadeiro pensamento, sendo compreensível, como fervoroso admirador de Descartes, considerar que a razão é universal. Seja quem for que estude os problemas económicos de Portugal, irá muito provavelmente encontrar as mesmas causas apresentadas por ele, se se colocar na mesma atitude de espírito, e com certeza concordará com a necessidade de implementar soluções. Não é um determinado discurso, uma Teoria por mais moderna que seja, por mais que se adapte ao real e o torne compreensível, que vai ser o critério de verdade para Sérgio. Esse é muito anterior ao concreto, ao presente, ao objeto discursivo. A subjetividade ou objetividade do discurso tem origem no próprio pensamento. Ou este é da ordem do inteligível e das ideias ou então sofre de um empirismo que obsta ao verdadeiro conhecimento.

Sérgio procurou apresentar soluções concretas decorrentes das bases teóricas de que parte, mas não foi um puro teorizador, alheio à dimensão ativa e concretizadora que todo o pensamento humano deve ter e por isso, a sua produção historiográfica é também um exemplo, dos mais completos, do seu posicionamento. Não terá feito "Análise Histórica"¹⁹ por simples erudição, mas como instrumento do presente. Não defende a História pela História, mas a História pelas 'pedras vivas', pela contribuição que o passado possa dar para a compreensão de uma situação atual que permitirá a desalienação, a desmistificação da realidade portuguesa.

A Análise Histórica terá sempre o seu efeito positivo, se a sua leitura não padecer dos mesmos erros atribuídos à própria mentalidade. E é neste sentido que Sérgio abriu novas perspectivas à historiografia portuguesa, rasgando os

¹⁸ "Por preguiça mental, a toda a interpretação de natureza económica se apõe logo o rótulo de materialista.", Ensaios, Tomo I, Livraria Sá da Costa, Lisboa, p. 43 .

¹⁹ Vitorino Magalhães Godinho, a este propósito, não considera Sérgio um historiador, mas um sociólogo.

caminhos a novas apreciações históricas realizadas posteriormente, [por Jaime Cortesão, entre outros]²⁰.

A história como mera narrativa de factos amontoados e apelando apenas à memória de quem a estuda tem de ser repensada, praticando-se a explicação crítica, a interpretação sociológica, a problematização; o conhecimento do passado, é entendido por António Sérgio, como uma possível fonte de pistas para se evitarem os erros conhecidos, ou seja, pretende-se ir do passado ao futuro, e pese embora, nos últimos anos (estamos já em 2014) esta meta parecer impossível, na época em que Sérgio defendeu estas ideias tratava-se de uma conceção muito avançada do papel da História. O passado histórico está intimamente ligado ao presente político, devendo os homens aprender com os ensinamentos do passado, para que possam evitar os mesmos erros, e esta proposta epistemológica passa pela via democrática: a conjuntura política mundial, até meados do século XX, é muito complexa. É uma fase muito conturbada, em que as palavras República, Socialismo, ou Independência, parecem ser o remédio para todos os males. A realidade ultrapassou, largamente, esses conceitos.

De há muito que para Sérgio, a questão política não se colocava na escolha entre Monarquia, República, Democracia ou Socialismo, mas antes na criação de um regime capaz de implementar as reformas, as estruturas, as vias para o progresso, para a racionalização da vida social e económica dos homens tendo a traumatizante experiência política da 1ª República Portuguesa levado o Pedagogo à sua crença no Regime Democrático Cooperativista, considerando este um fim a atingir²¹. Sérgio não é apoiante de fações ou ilusões partidárias, mas antes de ideais humanistas e universalistas²². A questão humanista confunde-se com a questão ética, porque a democracia começa no próprio indivíduo e tem de se estender à Política em geral, e assim, ao Estado.

²⁰ Sérgio, em *Ensaios*, Tomo IV, p. 196, considera que Cortesão é adepto das suas opiniões historicistas, nomeadamente no artigo deste "Repercussões de uma hipótese: Ceuta, as Navegações e a Génese de Portugal".

²¹ "Quanto a mim, considero a democracia e socialismo puros como metas de um movimento que se há-de realizar por etapas." "Alocação aos socialistas", "Democracia", Seara Nova, 1934, p. 112.

²² Sérgio, António, "Sobre o Problema da Cultura": «Democracia é Demopedia», citando Proudhon.

“A nossa vontade é uma vontade geral sempre que se determina pela regra de Kant: “Procede de tal maneira que a razão do ato que praticas se possa erigir numa lei geral, universal”²³

A educação do sentido crítico é fundamental para este projeto político, pois a velha justificação de que o povo não está preparado é para Sérgio uma falsa questão, porque o povo nunca estará preparado se não se criarem as condições para que a prática política democrática e cívica se concretize. É no interior do próprio indivíduo, que de uma forma socrática, encontra dentro de si os ideais, a virtude, a verdade. “A base da democracia é a virtude, (...) a moralidade cívica de todos nós”²⁴

Educar a criança na autonomia, no «Self-Government», na sua participação ativa nos diferentes locais em que vai vivendo, é condição necessária para a concretização do futuro cidadão livre e racional e por isso, se a Educação Cívica é fundamental, e o homem como a realidade é um todo complexo, a reforma da Educação é vital para a reforma humanista de Sérgio.

Na Pedagogia, Sérgio fundamenta-se nas experiências anglo-saxónicas²⁵.

Profundo conhecedor das mais recentes inovações nesta área, defende a Pedagogia do Trabalho e da ação, [cujo primeiro adepto terá sido Pestalozzi] aproximando-se das teses da Escola Nova, citando autores como Wilson Gill, escrevendo inúmeros textos nos quais defende que o Ensino é a via para o Ressurgimento Nacional. Defende a «importação» de professores do estrangeiro, quando necessário à renovação educativa. Os portugueses estiveram entre os pioneiros, quer nas Descobertas quer no espírito científico, e isso demonstra que é possível retomar esse caminho; todavia, o maior obstáculo é a mentalidade romântica, sebastianista, passadista ou saudosista que se enraizou na mente do povo.

E esta mentalidade negativa torna os problemas insolúveis. Independentemente do problema visado, todos eles refletem a ausência de uma atitude e raciocínio pragmáticos e disciplinados. [Fará constante apelo a uma

²³ Sérgio, António, "Democracia Crítica, Experimental e Cooperativa", Seara Nova, nº401, 9/8/1934, pp. 259-260.

²⁴ Sérgio, António, "Aos jovens seareiros de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da luz e da razão", Seara Nova, nº 87, 13/ 5/ 1926, p.292.

²⁵ Valente, Vasco Pulido, " António Sérgio de Sousa: uma revolução interior", revista O Tempo e o Modo, nºs. 69 - 70, Março - Abril de 1969.

«disciplina de raciocínio»]. Defenderá que a verdadeira reforma estrutural é a da mentalidade portuguesa e se não existir uma nova atitude, mais crítica, mais reflexiva, mais problematizadora, um novo posicionamento face ao real e aos problemas, de nada servirão soluções pontuais, provisórias, cuja única eficácia será dar um novo aspeto às velhas questões. Existe um imperativo moral inerente à própria consciência, e como tal, ciência e moralidade, ou melhor dizendo, toda a atividade humana deveria estar subordinada a essa lei racional presente em todos nós, mas em muitos abafada pelas impressões sensíveis, pelas sensações. Serão os que conseguirem libertar-se dessa prisão sem grades, que sentirão “racionalmente a estrutura legalista da consciência de uma espécie de dever ser inteligível, que é paralelo ao dever ser moral; e o saber não pode fundar nem contrariar o sentimento moral, não só porque, limitando-se a procurar aquilo que é, lhe não cabe indicar o que deve ser, mas por esta razão mais primitiva: ser a ciência produto da mesma tendência unificante, ordenadora, dessubjectivadora, que produz a moralidade.”²⁶

Há uma imanência no interior da Razão que transcende toda a racionalidade, afirmando Sérgio que “as noções primitivas não se definem”

A obra de Sérgio não se constitui em Sistema mas possui uma Dimensão Totalizante, que impossibilita uma aproximação reducionista.

Essa obra possui uma coerência interna que se verifica, corporizando sempre as mesmas traves mestras: Pedagogia / Cultura / Democracia; participação e Ética.

É importante verificar que muitos anos depois, autores como Edgar Morin desenvolveram este tipo de ideias em obras célebres [como *Ciência com Consciência*], talvez dando razão à tese de Michel Foucault, segundo a qual, em última análise, o «novo» é o «velho» dito de outra maneira.

O aqui e agora, a historicidade e o relativismo são provisórios, mas os verdadeiros produtos da Razão, esses são intemporais e universais; expressões eternas, independentemente do tempo e do espaço.

“Sei (ou julgo sabê-lo) como se barbarizou esta Nação, e o que havia a fazer para a tirar de bárbara; e repito que a reforma mais importante – condição preliminar de todas as outras – é sempre a reforma da mentalidade; e que a

²⁶ Sérgio, António, *Ensaio*, Tomo I, “Educação e Filosofia”, pp. 139-140.

disciplina mais necessária para termos a ordem a que todos visamos não é a disciplina que provém da espada, da ditadura, da realeza ou da polícia, – mas a ordem, a honestidade e a disciplina intelectuais”. A busca de uma forma de pensar com clareza, a sua escrita objetiva, a enorme variedade de assuntos que tratou, as diversas lutas em que se empenhou, o próprio facto de ter vivido até aos 86 anos, fazem desta figura uma personagem fundamental no panorama das ideias e da cultura portuguesas, incluindo, para mais, a Educação.

A mensagem relativa à educação e cultura é a maior constante da sua obra escrita.

De todas as possíveis classificações de Sérgio não será talvez, o termo «Filósofo» o que melhor o «definirá».

Este problema não é simples, pois um dos temas de reflexão de vários intelectuais em Portugal, tem sido saber da existência ou não de uma filosofia especificamente portuguesa. Sobre isto existem múltiplas opiniões; poderemos perguntar, como fez José Marinho²⁷, se será possível conciliar o sentido universal da Filosofia com o conceito de uma filosofia «nacional». Francisco da Gama Caeiro²⁸ considerou que “A primeira questão – e primeira porque a mais radical – consistirá em esclarecer se a Filosofia, tal como nos surge, pode suportar, sem com isso sofrer, uma determinação qualquer: – quer esta seja de origem temática (Filosofia Política, Filosofia Matemática, Filosofia das Ciências) (...)”

Joaquim de Carvalho, na História de Portugal (de Barcelos), no capítulo «Cultura filosófica e científica» diz que, “a reflexão filosófica tal como a investigação científica, pelo seu carácter a-espacial e intemporal dos Pensamentos, ultrapassa as fronteiras da nacionalidade. Por outro lado, o filósofo é uma pessoa inserida em determinado contexto histórico, logo a sua reflexão nasce com o cunho da época e da sociedade e este vinco determina uma conexão indissolúvel entre a matéria da reflexão, o filósofo que reflete e o ethos e as apetências da sociedade e da época em que ele vive”.

²⁷ Marinho, José, "Estudos sobre o pensamento português contemporâneo", Biblioteca Nacional, p. 16.

²⁸ Caeiro, Francisco da Gama, "A historiografia das filosofias nacionais e seus problemas", separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, III série, nº14, 1971, p. 7.

Para Sérgio, assim como não tem sentido falar de uma Cultura Portuguesa ou Francesa, na aceção absoluta do termo, o mesmo sucede em relação à atitude filosófica.

Aliás afirma numa nota à carta nº5 das Cartas de Problemática que foram problemas decorrentes da implantação da República que o desviaram para a Sociologia, a Pedagogia, a Economia, a História ou a Filosofia Política.

Bibliografia

- Branco, J. Oliveira, *O Humanismo Crítico de António Sérgio*, Gráfica de Coimbra, 1986.
- Caeiro, Francisco da Gama, "A historiografia das filosofias nacionais e seus problemas", separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, III série, nº14, 1971.
- Marinho, José, "Estudos sobre o pensamento português contemporâneo", Biblioteca Nacional.
- Sérgio, António, "Cultura", Síntese, Coimbra, ano I, nº 1, 1939.
- Sérgio, António, "Notas de esclarecimento", Ensaio Tomo I, Livraria Sá da Costa, Lisboa.
- Sérgio, António, Tentativa de interpretação da História de Portugal, Edições Tempo, Lisboa, s/d.
- Sérgio, António, "Divagações Pedagógicas", Ensaio, Tomo II, Livraria Sá da Costa, Lisboa.
- Sérgio, António, "Genealogia Intelectual", Seara Nova, nº 580, 1938.
- Sérgio, António, "Alocução aos socialistas", "Democracia", Seara Nova, 1934.
- Sérgio, António, "Sobre o Problema da Cultura."
- Sérgio, António, "Democracia Crítica, Experimental e Cooperativa", Seara Nova, nº401, 9/8/1934.
- Sérgio, António, "Aos jovens seareiros de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da luz e da razão", Seara Nova, nº 87, 13/ 5/ 1926.
- Sérgio, António "A Recapitulação", O Diabo, nº 306, 17/8/1940.
- Sérgio, António "Mais uma facada e, por consequência, mais um feliz pretexto para me explicar", Seara Nova, nº300, 26/5/1932.
- Valente, Vasco Pulido, "António Sérgio de Sousa: uma revolução interior " revista O Tempo e o Modo, nºs. 69 - 70, Março - Abril de 1969.